

***Think Different:* todo mundo agindo igual; ativismo e
consumismo hoje.
Ou amar ainda é transgressor!**

Ducha¹

¹ Estudou pintura na Escola de Belas Artes da UFRJ, atuou como artista plástico de 1999 a 2008, principalmente com arte pública e *performances* ambientais. Trabalha como instrutor de escalada em rocha e combate incêndios florestais pelo Ibama. Tem dois filhos, vive em Teresópolis dentro do Parque Estadual dos Três Picos e só bebe água de mina.

“Comportamento ético é fazer o certo mesmo quando ninguém está olhando e até mesmo quando o errado é legal.”

Aldo Leopold

“Você não odeia as segundas-feiras, você odeia o capitalismo.”

Slavoj Zizek

“Die, twitter, die!!!”

Francis McDormand

“Todas as coisas que se movem são deus e todas as coisas que não se movem são deus.”

Jack Kerouac

- Roubar para comer.
- Entrar numa casa vazia e morar nela.
- Plantar Cannabis.
- Manter os filhos fora da escola.
- Não comprar nada que não seja estritamente necessário.
- Brincar e fazer metáforas.
- Vender legumes e frutas na rua.
- Vender arte direto no ateliê.
- Passar uma fronteira nacional sem documento.
- Captar água da chuva.
- Criar nosso próprio sistema de transporte em carros particulares
(não Uber).
- Construir um barco em casa e cruzar um oceano.
- Viajar de bicicleta ou de carona.

O déficit de natureza é uma doença, uma síndrome.

O humano é um macaco (o único) sem pêlos e que se enxerga fora ou acima da natureza. Outros macacos também têm cultura e usam ferramentas, as baleias se comunicam e em diferentes partes do planeta falam diferentes dialetos, as plantas sentem dor, o extinto homo neanderthalensis tinha espiritualidade, comunicação, arte geométrica e cultuava as forças naturais. Esses são somente alguns dos exemplos de que as justificativas para a superioridade humana sobre os outros seres vivos (ou essa natureza a ser subjugada) são comprovadamente uma falácia total.

Homo demens. O último rinoceronte branco acaba de morrer!

O universo é formado de uma complexa teia de poderes individualizados. Nele, tudo é vivo, consciente e tem memória. O único cego é o que faz questão de não ver. Até as moléculas de água se organizam de forma diferente ao ter contato com o baixo-astral, o ódio ou com a música de Bach ou orações.

Vivemos hoje na dita sociedade da informação e da comunicação, mas estamos cada vez mais isolados e com dificuldade de nos comunicarmos. O ex-frei Leonardo Boff já dizia algo similar quando a moda ainda era o *tamagoshi*, nos idos de 1990!

Em tempos de capitalismo neoliberal “selvagem”, o único desvio possível a qualquer um, mesmo aos que não têm coragem ou necessidade de roubar, seria se restringir a consumir conscientemente o estritamente necessário. Somente o necessário. E seguir com o que nos é essencial. Mas quantos de nós estão dispostos? E para construir o quê?

As relações de trabalho estão se transformando, as pessoas procuram cada vez

menos empregos formais: empreendem ou oferecem serviços por contratos temporários, se autoexplorando ao máximo e achando que isso é realização pessoal, profissional. Eu li isso no El País.

A vida não vem com bula, não tem um sentido em si mesma: cabe a você dar sentido a ela. Isso é assustador para a maioria de nós, mas é, ao mesmo tempo, lindo. Você não precisa de *ayahuasca* para sentir que é parte do todo, mas pode escolher esse atalho também, se quiser.

Roubar dos pobres para dar para os ricos.

O velho modelo escravocrata de oferecer trabalho remunerado a pessoas em situação de vulnerabilidade e manter a dominação em forma de um custo de vida que torna esse trabalhador livre um eterno devedor é considerado crime hoje em dia (trabalho análogo à escravidão), a menos que seja praticado por instituições financeiras que dominam as pessoas através de dívidas, de empréstimos pessoais impossíveis de pagar, agiotagem oficial com a tutela dos governos. Esse estado mínimo que só é protecionista para com as grandes corporações, nunca com as pessoas comuns em situação de precariedade, de abandono, só fortalece a lavagem cerebral via uma educação pasteurizada, obrigatória e terceirizada, onde acontece o verdadeiro abandono intelectual e se perpetua a precariedade. Recentemente, o Trump, Donald, canetou uma restrição à importação de aço para proteger a metalurgia americana. Se esse ato relativista não é protecionismo, o que é? O Bolsa Família?

E como explicar essa síndrome (muito comum, não só em Estocolmo) do amor incondicional do refém por seu algoz? Toda uma população adestrada a comprar

–principalmente – eletrônicos, pessoas adestradas a se isolarem socialmente, se deprimirem e adoecerem sozinhas, mesmo vivendo em megacidades superpovoadas – repito: sozinhas!

E amando o conforto desconfortável de terem, ou desejarem, um estilo de vida de primeiro mundo. Sonhar em adquirir uma casa, aparelhos, roupas e produtos industrializados, e não feitos em casa ou localmente. Sonhar em ter comida abundante, produzida em larga escala industrialmente, transportada de mais longe possível, fazer seguros, planos de saúde, fazer turismo sem conhecer lugar algum, andar em veículos automotores (de preferência carro próprio), não de metrô, a pé ou de bicicleta. O sonho americano que não se sustenta em escala planetária.

O humano das grandes cidades apresenta o comportamento e as patologias semelhantes aos do pobre animal do zoológico. Têm toda a comida que necessitam, estão a salvo dos terríveis predadores, mas não estão fortes e felizes como os desprotegidos e lindos selvagens. Só que as grades não lhe são impostas como no zoo, são instaladas por esse próprio homem, por livre e espontâneo medo. Medo de si mesmo. Numa sociedade que aboliu a possibilidade da aventura, a única aventura que nos resta é a de abolir a própria sociedade. Não se preocupem, esse processo já está em marcha. Marcha acelerada.

A política, os governos nos preocupam e nos desunem em discussões que só fortalecem o verdadeiro poder que manda e desmanda hoje em nossa sociedade: as corporações. Cinco ou seis conglomerados mundiais gigantescos que são donos de todas as outras corporações. São elas que mantêm e controlam os governos (às vezes, destituindo também), sejam esses governos quem forem: partidos vermelhos, azuis ou verdes, todos eles são apoiados e, depois de eleitos, prestam

deveres a esse poder maior. O poder corporativo, que constrói e mantém hegemonia: não há poder sem hegemonia, sem controle sobre os gestos e imagens da vida corrente. O poder que financia campanhas eleitorais de todos os candidatos na mesma eleição, porque eles não jogam para perder. Não podem apoiar somente um lado, para não correr o risco de, quem quer que seja o eleito, não tenham esse fantoche como um representante de seus lucros. Somente no “fim” da cadeia estamos nós, os consumidores. Nós que temos, em maior instância, o poder final de decisão. Mas, para isso, temos que nos ver como tal e inverter a lógica. Como os que mantêm ou não o poder e a hegemonia das corporações, e não o contrário. E nós podemos e devemos cruzar nossos braços e nos negar a fazer essa roda girar. Basta querer e fazer. E, nesse momento, eles, os acionistas e CEO's, vão tremer de medo. Para isso, temos que começar quebrando a barreira mental, as crenças limitantes. Uma verdadeira rebeldia. Um poder rebelde que consiste em difundir uma nova visão de mundo. Simples assim. Nossa responsabilidade como indivíduos críticos e não como parte de um sistema hierárquico ilegítimo. E isso... isso é anarquismo, *baby*. Um anarquismo possível e zero utópico. Como uma infiltração, mais do que um assalto.



Toda nova mídia que proporciona um escape de nossas responsabilidades é um perigo. Uma desculpa para perdermos o contato real entre seres humanos.

(Tecnologia, dependência e padrão de comportamento.)

Não existe nenhuma razão técnica para que sempre as novas versões de *software* venham mais pesadas. Isso só ocorre para que sejamos obrigados a comprar novos *hardwares*, porque as novas versões tornam máquinas mais antigas inúteis, mesmo sem estarem com nenhum problema. Assim nos tornamos ainda mais dependentes de corporações do vale do silício, que, além de detonar o meio ambiente de países de terceiro mundo, detonam o imaginário das pessoas, tornando a todos consumidores escravizados, acorrentados pela própria vontade a essa cadeia de consumo/dependência/lavagem cerebral/mais consumo/amor incondicional: a tecnologia da qual são dependentes e entendem muito pouco ou quase nada. Estou falando de tecnologia, de celulares, de computadores, de automóveis e até de eletrodomésticos...

Um exército de pessoas que dão uso bastante básico aos seus Macintosh Pro (checando e-mail, escrevendo no Office, navegando num *browser*...), que poderiam muito bem montar um PC com peças chinesas compradas na Avenida Central, mas que, seduzidas por uma estratégia de marketing muito bem montada, por um projeto de produto muito sedutor e por uma identidade visual bonitinha, acabam desejando loucamente todos os produtos dessa marca, sem saber que estão se escravizando mais e mais. *Software* aberto e livre poderia quebrar essa cadeia de dependência, consumo e ignorância, mas a interface é feia...

Lançaram o novo *smart watch*, corram para consumi-lo!

Essa lógica serve para tudo, não só produtos *hi-tech*: roupas, alimentos, cosméticos, remédios, relógios, perfumes, carros... e até bicicletas.

As redes sociais viciam que nem salário, açúcar, videogame e remédio. E quando as redes sociais tornam cada vez mais limitadas a escrita (menos caracteres, mais acéfalas) e cada vez mais visuais, a tendência das pessoas se sentirem fora dos padrões e deprimidas só aumenta. Estou falando, sim, do Instagram, que também é do Zucki. O homem do ano. Aquele que tem acesso às informações das pessoas e as vende a quem pagar mais. A dependência a redes sociais e à pornografia já é considerada um distúrbio mental por vários psiquiatras e universidades mundo afora.

Pouco se fala sobre tratamentos alternativos aos farmacológicos tradicionais. Um fato que é inevitável é que, quando nosso cérebro se acostuma a ter o que precisa (descarga de dopamina produzida pelo próprio corpo) a todo momento, *likes*, gozadas, *matches*, novos seguidores, mensagens caindo, passagens de fase de jogos... as coisas “simples” da vida, que costumavam nos dar prazer, perdem a graça, e o próximo passo é que até esses mecanismos, em algum momento, passem a não dar mais onda: é o fundo do poço. E o processo para desprogramar esse circuito passa, como em qualquer dependência psíquica (que em última instância é sempre química), pela abstinência, e isso dói. Leva em torno de 90 dias para conseguirmos começar a reprogramação e criar novos circuitos, novas escolhas de vida, que não dão uma recompensa imediata. Nossas alternativas *hippies* são menos intrusivas, elas passam todas pela solidariedade, pela socialização, pelos sentidos, pela alimentação, pela volta à floresta, por uma atividade física e também pelos livros. Ou a reconexão com a mamãe natureza,

com nossos mecanismos essenciais.

O sonho do oprimido é ser opressor.

Vamos falar um pouquinho sobre artes plásticas?

Imagine se todos os artistas representados por uma determinada galeria se juntassem e resolvessem sair, deixar de serem do quadro e passassem a vender seus próprios trabalhos. Seria um sonho ver galeristas sendo obrigados e ter que arrumar uma atividade profissional de verdade, em vez de explorar a produção alheia. Outro sonho seria ver as feiras de arte internacionais se adaptarem, tendo *stands* de artistas em vez de *stands* de galerias, ou mesmo deixarem de existir (que coisa bizarra uma feira de arte. Se você gosta de salsicha, não deveria nunca ir a uma fábrica de salsicha.) Porque os artistas mundo afora tiveram a coragem de não quererem atravessadores entre os colecionadores e seus produtos. Os colecionadores indo direto aos artistas. Por que não?

A Gentil Carioca, que deveria ser uma galeria gerida por artistas, optou por manter a cadeia de dominação sobre outros artistas, o que faria uma galeria normal, com um dono galerista. O que faz dela uma galeria normal. Ou pior.

E se os artistas tivessem outro meio de fazer dinheiro e continuassem a fazer arte por outras motivações, o que ia mudar em suas produções? Iam, provavelmente, melhorar muito seus trabalhos, porque arte contemporânea é a coisa mais alienada já vista: tautológica e olhando para o próprio umbigo, com raríssimas exceções. Existem mil e uma desculpas para todos os que estão dentro

do *mainstream* quererem manter tudo como está, trabalhando para a corporação (galeria) e chamando essa relação de arte. O problema do artista profissional é que ele tem que produzir o tempo todo, para garantir o seu sustento, mas algumas fichas mais relevantes levam anos para cair. E a mesma lógica que serve para telefones móveis, para computadores, para meios de transporte, para vestimenta, para cosméticos, serve para arte. Produção e consumo (in)consciente.

Momento atual, um povo educado por novelas de TV.

Nobody expects the spanish inquisition!

Vivemos tempos de polarização máxima, no Brasil e no mundo. Essa polarização nunca teve nada a ver com luta contra corrupção. Tem a ver com luta pelo poder. Cada dia fica mais claro que nossa herança histórica, nossas raízes, dizem muito a respeito da forma seletiva, desmembrada, com que enxergamos o que vem acontecendo. Forma *desplazada*, como os corpos decapitados da revolução francesa. Em seu recente texto, Amador Fernandez-Savater levanta, entre tantas imagens relevantes, úteis e fresquíssimas (que salpiquei aqui e ali nesse meu artigo) para uma visão libertária que pode nos auxiliar a manter o otimismo mesmo num momento tão sombrio como o que estamos passando: a rebeldia social. O texto de Amador usa como um dos exemplos de tentativa de mudança (via política partidária) o movimento 15-M espanhol, mas é inacreditável como pode nos servir como auxílio para melhor compreensão e tomada de postura social rebelde hoje no Brasil. “O lamento e a queixa nunca deixaram de

acompanhá-lo: ‘nada mudou’. Sem outras lentes e outras bússolas, apegado a antigas imagens, reenvia-se uma e outra capacidade de transformação social às formas e a fórmulas já conhecidas: o partido que, tomando o poder (por via eleitoral dessa vez), muda as leis e os marcos jurídicos, a macropolítica. A mudança social é uma mudança de cima para baixo ou não é?” Caraca.

Mas como manter o otimismo e não se deixar cair num sentimento de total impotência diante de tamanho atoleiro, num momento no qual se privilegia tanto o massivo, o épico, o hipervisível?

Ainda o mesmo texto aponta o Zapatismo e o feminismo como exemplos reais e atuais de mudança de baixo para cima através de uma rebeldia social horizontalizante e “capazes de dar valor e visibilidade às transformações invisíveis e silenciosas (...), informais, imprevisíveis e involuntárias, micropolíticas e efetivas, bastardas e impuras. Imagens em que encontramos companhia, valor e potência.”

A vagabundagem como saída.

O digital não tem peso, não tem tato, não tem olfato. Ainda bem. Ainda podemos nos encontrar, olhar nos olhos uns dos outros, dar um abraço, um beijo em outro ser vivo real.

Mas, para isso, temos que lembrar que ser gente é ser animal. E é aí, nesse momento do olhar no olho, sentir o hálito do outro, é que 90% dos encontros marcado pelo Tinder vão para o buraco.

Até o Strava, aplicativo de treinamento para corredores e ciclistas, com mídia

social embutida, vem causando danos: muita gente se acidenta quando sai pra correr/pedalar “stravando”, porque querem dar tudo de si e mostrar para outros *stravers* e, às vezes, dá m... Temos mais acidentes quando filmamos nossos cotidianos com a GoPro, ao ser quem nós sabemos que não somos, do que quando simplesmente vivemos, porque tendemos a atuar menos com a câmera desligada, a fingir menos. Porque fingir ser quem nós somos não tem tanta graça. Se analisarmos psicologicamente as autofotos das pessoas, vamos encontrar inúmeros indícios de pedidos de socorro inconscientes. Um caso famoso é o da Trump, Melania, que só aprecia a paisagem através de vidros, pobre mulher. Gente à beira do suicídio. Como a atriz pornô canadense, August Ames, que acabou se suicidando de fato, vítima do *cyberbulling*.

Diógenes conheceu boa parte da Europa a pé e sem roupa; Siddhartha fugiu de seu palácio para conhecer a natureza do sofrimento humano; Jesus também era um vagabundo e pouco se sabe sobre o hiato de 22 anos em sua biografia; Francisco de Assis abdicou da fortuna de sua família para amar ao próximo, a humanos e a outros bichos. Todos andarilhos, maltrapilhos. Viviam de doações.

Os ambientes naturais têm o poder de nos reconectar com nossa verdadeira essência. Nossas pernas têm o poder de nos levar até eles, e nossos corpos e mentes se reequilibram por si só: olhando, ouvindo, cheirando, sentindo o tato, o gosto e os pensamentos que (re)aparecem pelo caminho. É só se permitir servir de canal, o resto fica por conta do universo.

AMAR, descascar mais e abrir menos embalagens.

Mas there is a natural mystic blowing to the air, if you listen carefully then you will hear.

A boa notícia é que todos nós já vivemos muitas vezes aqui neste mundo, já estendemos a mão aos outros e já aprendemos a pedir ajuda muitas vezes. O universo demonstra que tem uma inteligência superior: nele, tudo é vivo, consciente e tem memória. Parece até que existem outros universos paralelos a este, no exato momento em que a senhora ou o senhor estão lendo este texto mal escrito, mal pensado, mas muito sentido, outros mundos estão surgindo, estrelas estão se apagando. E parece que tudo não passa de uma reinvenção eterna.

O mal não existe. O que existe são pessoas que não conheceram o amor. Como vão se enxergar no outro e cuidar, se não foram cuidadas?

Daí a urgência do amor, das zonas autônomas temporárias, do feminismo, das insurgências, da arte urbana (de verdade), da tática *black bloc*, da pirataria, do furto justo, do *software* aberto e livre, das plantas de poder fora da lista da Anvisa, da desescolarização, do *shinrin-yoku*, das hortas urbanas, da *yoga* de rua, do *ni una menos*, da cooperação: do amor genuíno. Do cuidado. Do matriarcado paleolítico. De vereadoras pretas. Um movimento coletivo e anônimo. E rebelde.

Mais do que uma operação vertical centralizada, uma forma de pressão indireta, cotidiana e difusa. Horizontal não hegemônica.

A transgressão hoje é um dever. Porque, só de agir diferente, diferente do que o sistema opressor manda, já transgride e tem o poder de mudar a realidade, um simples agente ou um grupo pequeno têm o poder de alterar um sistema de alta

complexidade simplesmente mudando de atitude. Sem a necessidade de catequizar ninguém, porque isso é chato, e o resultado é a desunião ao invés de somar. Se você muda algum elemento mínimo em uma ponta do sistema (complexo) essa mudança pode desencadear uma transformação profunda e geral, caso esse sistema esteja pronto para uma transformação.

Conclusão não conclusiva.

São muitos os assuntos aqui abordados e enorme a confusão dada à falta de metodologia adotada. Unabomber, em seu manifesto, apontava para o acelerado processo de desumanização da sociedade industrial. Mas esse processo começou muito antes, só teve um aceleração vertiginosa pós-industrialização, mas é um processo que remonta ao período neolítico, quando a humanidade deixou de vagar, coletar frutos e passou a caçar menos e a plantar e a cercar outros animais. E a diminuir, suprimir, extirpar as forças do feminino dentro de nós, homens e mulheres. Uma desgraça de 10.000 anos de idade. A quase morte do cuidado primordial.

Aqui pincelei, sem hierarquias, assuntos tão diversos, e possivelmente vistos como desconexos, tais como: a venda da força de trabalho de forma injusta nas sociedades capitalistas; o consumo desenfreado e sem autocritica desse trabalhador escravizado; o afastamento do ser humano de sua própria natureza animal; o medo que a liberdade causa; o aniquilamento do matriarcado, da liberdade para as crianças brincarem ao ar livre (que adultos vão se tornar esses vagabundinhos?); do fenômeno das doenças associadas ao mal uso das novas

tecnologias e de uma subsequente onda depressiva e de solidão; da invisibilidade do sofrimento dos outros; da quase imediata absorção mercadológica pelas grandes corporações de qualquer tentativa de transgressão e da transformação dessas iniciativas em produtos que retroalimentam esse ciclo de dominação, que gentrificam zonas da cidade; dos *hipsters* vendendo tudo caríssimo e seus bigodes arrumadinhos; do isolamento e da depressão, da solidão urbana, da falta de perspectiva, da falta de pensamento crítico... do uso sistemático dessa lógica para manter a dominação.

Mas também apontei possíveis saídas ao alcance de todos para inverter a lógica de dominação do capitalismo. Nos negarmos a sermos massa de manobra. Parar a máquina. E as ferramentas para isso estão ao alcance de todos. Informação, informalidade, solidariedade, compaixão e ação cooperativa. E o mais importante: a quebra das estruturas de poder. Não aceitar a dominação de alguns poucos sobre outros muitos.

Qual seria então uma verdadeira postura transgressora diante de tamanho enigma? Os extremistas, terroristas optaram pelas explosões, tiros e atropelamentos. E os famintos? E os assalariados? E as mães solteiras, e as casadas com homens misóginos? E os artistas representados por galerias? E os pais de filhos pequenos? E as pessoas que se isolam em seus apartamentos assistindo Netflix e pedem comida por telefone ou via internet? Vão optar por fazer o quê?

A única transgressão que nos sobrou é buscar alternativas. Melhores. Imediatas. Proponho uma maior integridade entre o inevitável personagem egoico cotidiano que todos nós vivemos, nosso discurso e nossas ações, por mais sutis que sejam esses atos: ser, falar e agir com integridade. A sensibilidade como

arma principal do rebelde.

A verdadeira transformação social é uma mudança de dentro, de baixo para cima, das relações sociais e de poder.

Vamos estender a mão aos semelhantes (não existe o outro), repensar os conflitos e a inimizade, vamos nos tornar vagabundos iluminados, porque não faz sentido tentar buscar o nirvana quando o nirvana já está dentro de nós. Vamos?

Ou não?...

Porque, pior do que a extinção, é o medo da extinção.